

O ENSINO-APRENDIZAGEM DO LÉXICO POR UMA PERSPECTIVA CULTURAL

Lúcia Helena Ferreira Lopes¹

RESUMO: Esta comunicação, circunscrita ao campo da linguística textual-discursiva em interface com os estudos lexicológicos tem o propósito de apresentar os resultados de uma atividade de ensino-aprendizagem com foco na ampliação da competência lexical sob uma perspectiva cultural. Assim sendo, postula-se que o léxico e a gramática são duas tecnologias indispensáveis e complementares que asseguram o ensino de uma língua, seja ela materna ou estrangeira (REY-DEBOVE, 1984). O léxico responde pelo conjunto das unidades lexicais, um sistema dinâmico e aberto, à disposição dos falantes, sempre adquirido por processos de interação comunicativa. A gramática responde pelas regras que orientam as combinações aceitáveis das unidades lexicais para a formação dos textos por meio dos quais os usuários, dialogicamente, interagem-se uns com os outros, tanto pela fala oral quanto pela fala escrita (TURAZZA, 2002). Nesse sentido, não se podem negligenciar os estudos lexicais em detrimento dos estudos gramaticais nas salas de aula de língua portuguesa (ANTUNES, 2009, 2010, 2012), visto que o léxico é o espelho que reflete a visão de mundo de uma dada comunidade linguística, os seus costumes, os seus interesses, os seus hábitos e as suas crenças. Considerando esse contexto teórico, propôs-se uma atividade de leitura-escrita, a partir de verbetes registrados e definidos no Dicionário Popular da Língua Belo-Horizontina (DPLBH). Ao se retomar o propósito da atividade, percebe-se que os aprendentes compreenderam que “o léxico e a cultura estão intimamente ligados e funcionam mutuamente um identificando o outro, como se tratasse de faces de uma mesma moeda (TIMBANE, 2017, p. 20).”

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT: The purpose of this paper, based on text/speech linguistics compared to lexical studies, is to present the results of a teaching/learning activity focused on the expansion of vocabulary skills under a cultural point of view. This way, we consider both vocabulary and grammar are must-have, supplementary technologies that secure the teaching of any language, whether our mother language or a foreign language (REY-DEBOVE, 1984). Lexicons include lexical units, a dynamic, open system, available to the speakers, always acquired through communication interactions. Now, grammar involves the regulations that guide the acceptable combinations of lexical units to compose texts through which users, dialogically, interact with each other, both orally and writing (TURAZZA, 2002). In this sense, one cannot neglect lexical studies at the expense of grammar studies in Portuguese lessons (ANTUNES, 2009, 2010, 2012), considering the lexicon is the mirror that reflects the way a certain linguistic community views the world, their habits, their interests, their costumes and their believes. Considering this theoretical context, a reading/writing activity was suggested based on words recorded and defined in the Popular Dictionary of the Language of the city of Belo Horizonte (DPLBH). When the activity's purpose was resumed, it was noticed that the learners understood that “both lexicon and culture are closely connected and work mutually, in the sense that one identifies the other, as if they were two sides of the same coin (TIMBANE, 2017, p. 20).”

Keywords: Lexicon; Culture; Teaching/Learning.

¹ Faculdade Mais de Ituiutaba - lucia.lopes@facmais.edu.br.

1 – Introdução

O processo ensino-aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou não, volta-se para a formação de leitores-escritores proficientes – seres sócio-histórico-políticos eminentemente relacionais, situados em contextos distintos e variados. Nessa complexa dinâmica de construção de conhecimentos linguísticos, por meio das quais os homens expressam os seus conhecimentos não linguísticos ao interagirem uns com os outros e consigo mesmos, duas tecnologias se destacam: a gramática e o dicionário.

No que se refere ao processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, na sua vertente brasileira, a gramática – definida como um conjunto de regras que normatizam a combinação de palavras da língua para a construção dos textos que circulam em diferentes esferas sócio discursivas cotidianas – tem ocupado lugar de destaque nas práticas didático-pedagógicas nas escolas, seja de nível fundamental ou médio, em detrimento dos estudos voltados para o uso do dicionário, definido por Biderman (2001) como o “tesouro dos signos linguísticos”, o acervo das palavras da língua, o seu léxico.

Estudo realizado por Gonçalves (1977) aponta que as abordagens lexicais inscritas nas gramáticas são tímidas, isoladas e assistemáticas. Assim sendo, essas abordagens não consideram o léxico como

(...) um conjunto de subsistemas, que permitem a formação de campos semânticos e de campos lexicais; não se considerando o significado do signo de um conjunto de traços semânticos que permitem opor um signo ao outro; não se considerando que os signos que têm significação equivalente têm geralmente distribuição diferente e que por isso dificilmente haverá sinônimos perfeitos; não se considerando que o signo tem o seu valor de suas relações paradigmáticas e sintagmáticas com outros signos; não se considerando tudo isso, a gramática dificilmente poderá contribuir para ao estado do léxico. (GONÇALVES, 1977, p. 52)

No curto tempo da presente contemporaneidade, as abordagens lexicais inscritas nas páginas das gramáticas continuam reduzidas, assim como ainda é tímido o foco lexical nos documentos oficiais que servem de referência para o ensino de língua materna, nos processos de formação dos professores dessa disciplina, nos livros didáticos distribuídos às escolas públicas de todo o país e, em consequência disso, nas salas de aulas.

Pode-se observar, todavia, o desenvolvimento de uma gama de pesquisas científicas que têm como objeto de estudo o léxico, considerando-o por diferentes perspectivas. Os resultados desses estudos percorrem um longo e sinuoso caminho até chegar às salas de aula; e quando chegam nesse espaço privilegiado de construção de conhecimento, pelos cortes-recortes do

livro didático, apresentam abordagens que não colocam em relevo o desenvolvimento da competência lexical dos aprendentes.

Muitos livros didáticos de língua portuguesa, por um lado, restringem o estudo do léxico às abordagens do vocabulário do texto, a explicações rápidas sobre a significação de uma palavra, desconsiderando o contexto no qual ela está inserida, a sua relação com as outras palavras que ‘tecem’ o texto e a sua contribuição para a progressão temática. Por outro lado, promovem uma ruptura entre o estudo da significação da palavra, por vezes descontextualizada e fora de situação real de uso, e os seus aspectos morfossintáticos.

Diante desse contexto, emerge a necessidade de se verticalizarem as pesquisas sobre o léxico e, sobretudo, aqueles estudos que possibilitam aos professores de língua materna repensarem as suas práticas pedagógicas em conformidade com os resultados das investigações científicas. Há uma grande lacuna entre os conhecimentos linguísticos construídos na academia e aqueles que orientam as práticas docentes dos professores dos ensinos fundamental e médio nas nossas escolas brasileiras. Na linha de transposição didática, destacam-se, entre outros, os trabalhos de Antunes (2005), (2009), (2010) e (2012) que, gradativamente, trata o léxico por uma perspectiva textual-discursiva, destacando a abrangência desses estudos para o desenvolvimento de “competências múltiplas para as também múltiplas exigências do mundo das interações verbais” (ANTUNES, 2012, p. 160)

Assim considerando, esse artigo – desenvolvido sob a forma de relato de atividade didático-pedagógica, inscrito na correlação léxico-cultura, circunscrito ao campo da lexicologia em interface com a linguística textual-discursiva – tem o propósito de apresentar resultados de uma proposta didática voltada para o desenvolvimento e para a ampliação da competência lexical dos aprendentes de língua materna. Os sujeitos da atividade foram alunos do Ensino Médio da Rede Pública do Estado de Minas Gerais, em Ituiutaba, cidade situada no Pontal do Triângulo Mineiro.

2 – Considerações sobre a correlação léxico-cultura

Retoma-se, neste tópico, o conceito de léxico proposto por Biderman (2001), na correção com aquele de Genouvrier e Peytard (1973), de Rey-Debove (1984) e de Polguère (2018) e avança-se no sentido de considerá-lo, segundo Galisson (1997, apud BARBOSA, 2008; 2009), como a janela que, uma vez aberta, não somente possibilita a um povo ver e contemplar o mundo, mas também ter acesso a outras culturas, outros povos, outros tempos. É, pois, o espelho que reflete a visão de mundo de uma dada comunidade linguística, situada em

um dado contexto sócio histórico, os seus costumes, os seus interesses, as suas tendências, os seus hábitos e as suas crenças.

O léxico – sistema aberto e dinâmico, posto que os falantes por meio dos processos sócio interacionais, alteram, criam e o conservam – de acordo com Vilela (1995) e Biderman (2001), configura-se como o arquivo, o repositório do saber linguístico de uma comunidade uma vez que comporta toda a cultura e a experiência herdada, por vezes preservada e/ou ampliada, por uma comunidade linguística ao longo de seu processo de construção histórica.

É nesse e por esse contexto que, hoje, por exemplo, somos capazes de identificar que o significado da unidade lexical “pedófilo”, enunciada nos discursos que circulavam na sociedade grega, fazia remissão à palavra que denominava “o melhor amigo da criança”. Entretanto, os sentidos sociais que ela carrega consigo, nos discursos que circulam na nossa atual sociedade moderna, denominam o significado de ser o pedófilo “o pior inimigo da criança”, embora a sua forma vocabular permaneça a mesma. Trata-se de significados que apontam os distanciamentos sócio-histórico-culturais entre os velhos significados gregos e os da sociedade brasileira dos tempos modernos.

Logo, essa transmutação de significados aponta para mudanças de modelos de interações entre os adultos e as crianças, bem como a mudança de posição social para o exercício do papel do homem adulto no espaço da sua interação social com a criança. E, pelo ato da pedofilia, a criança deixa de ser representada pelo modelo de sociedade grega: um novo homem a ser educado por um adulto que, por ter sabedoria, respondia pela sua formação, ou educação na condição de ser humano; o amigo de quem sempre se esperava boas ações. A inversão de amigo para inimigo, pelo modelo de sociedade moderna, tem por representação a criança como fonte de prazer sexual para esse tipo de adulto. Para a criança, ele é representado como um adulto perigoso, de quem ela deve desconfiar e se afastar.

Assim sendo, o léxico não somente possibilita a um povo conhecer, nomear e etiquetar as coisas do/no mundo, mas também, é por meio das unidades lexicais – carregadas de cultura compartilhada – que se constroem os esteios invisíveis de sustentação de tudo o que se diz e ouve numa dada língua. “Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico” VILELA (1995, p. 6).

3 – Uma proposta de leitura léxico-cultural

A proposta didático-pedagógica que orientou esta análise está alicerçada no conteúdo definicional de verbetes registrados no Dicionário Popular da Língua Belo-Horizontina

(DPLBH). A referida obra – parte de uma campanha publicitária da BH Airport, administradora do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, foi desenvolvida com o propósito de prestar uma homenagem à capital mineira pelos 120 anos, em 2017 – é composta por 20 unidades lexicais, na sua versão *on line*.

Assim sendo, nesse tópico serão descritas as etapas por meio das quais se desenvolveram as atividades de ampliação da competência lexical a partir do DPLBH e alguns dos resultados exitosos obtidos na finalização do projeto. Em um primeiro momento, apresentou-se a função sociocultural e a estrutura composicional do verbete dicionarístico para os estudos da língua na sua correlação com a gramática, o léxico e a cultura. Fez-se, portanto, necessária a apresentação de conceitos básicos referentes à macro e à microestrutura dos verbetes e, assim procedendo, a ênfase incidiu, especificamente, sobre a o registro das entradas lexicais, a categorização gramatical, o processo de expansão e de condensação dos conteúdos definicionais e o exemplário (TURAZZA, 1996, 2002).

A próxima etapa ficou circunscrita ao levantamento dos verbetes do DPLBH (2017) *on line* – ‘a neein’, ‘ali’, ‘amendoim’, ‘bololô’, ‘carnaval’, ‘chup chup’, ‘clássico’, ‘copo sujo’, ‘garrado’, ‘lambiscar’, ‘lua’, ‘manota’, ‘mercado’, ‘mexer’, ‘nú’, ‘ovo’, ‘papa’, ‘praia’, ‘saudades’, ‘x-tudo’ – e o levantamento do registro definitório dessas unidades lexicais no dicionário de usos do português do Brasil (BORBA, 2002) e em Houaiss (2009).

Dessas unidades lexicais ‘a neein’, ‘chup chup’, ‘copo sujo’, ‘garrado’, ‘manota’, ‘nú’ e ‘x-tudo’ não estão registradas em Borba (2002) e Houaiss (2009). A título de exemplificação, seguem as definições de ‘a neein’, ‘chup chup’ e ‘nú’ registradas no DPLBH (2017):

a neein	adj. Não. Nunca. Jamais. Só depois de morto. É a expressão máxima da negação. Geralmente, vem acompanhada de testa franzida e sucedida por palavra de baixo calão.
chup chup	s.m. Suco de pozinho congelado, feito com água da torneira e embalado em saquinhos plásticos. Queima a mão e mancha a língua. Tem sabor de infância.
nú	adj. Abreviação de “Nossa Senhora que coisa única”. Substitutivo de diversas expressões de espanto, alegria, calamidade e felicidade. Assim como ‘sô’ e “uai”, é uma palavra tão versátil que pode significar tudo e nada.

Na dinâmica do desenvolvimento da atividade, evidenciou-se que os alunos se identificaram com o uso de algumas unidades lexicais, tais como ‘a neein’, ‘copo sujo’, ‘nú’ e ‘x-tudo’; todavia, desconheciam os sentidos registrados no DPLBH (2017) para essas unidades lexicais. Essa etapa contribuiu para o desenvolvimento de discussões relacionadas às variações regionais, visto que em ‘chup chup’, por exemplo, os alunos reconheceram o conteúdo

definitório nominalizado, em Ituiutaba, como ‘laranjinha’. Logo, compreenderam que ‘chup chup’ é o nome, a etiqueta que se dá a esse produto em Belo Horizonte; ‘laranjinha’ no Pontal do Triângulo Mineiro; ‘sacolé’, em São Paulo; ‘geladinho’, na Bahia; ‘dindin, no Rio Grande do Norte; ‘sacotele’, no Rio de Janeiro; ‘brasinha’, no Ceará.

Nas demais unidades lexicais do DPLBH (2017) – ‘ali’, ‘amendoim’, ‘bololô’, ‘carnaval’, ‘clássico’, ‘lambiscar’, ‘lua’, ‘mercado’, ‘mexer’, ‘ovo’, ‘papa’, ‘praia’, ‘saúde’ – embora permaneça a mesma forma vocabular, os sentidos cristalizados e institucionalizados sob a forma de significados foram desmobilizados e ressignificados para designar o falar belo-horizontino, conforme a apresentação abaixo.

Borba (2002)	Houaiss (2009)	DPLBH (2017)
‘mercado’		
Nm 1. lugar onde se negociam gêneros alimentícios e outras mercadorias. 2. lugar aonde há grande movimento comercial, empório. 3. permutação ou troca de produtos ou valores. 4. negociação, comércio. 5. negociação, transação. 6. relação estabelecida entre oferta e procura de bens, serviços ou capitais.	substantivo masculino 1. lugar público onde negociantes expõem e vendem gêneros alimentícios e artigos de uso rotineiro. 2. reunião de negociantes em lugar público. 3. conjunto dos negócios realizados. 4. lugar (país, cidade, povoação) importante em matéria de negócios e transações financeiras; centro de comércio, empório. 5. concepção das relações comerciais baseada essencialmente no equilíbrio de compras e vendas, segundo a lei da oferta e da procura. 6. lugar teórico onde se processam a oferta e a procura de determinado produto ou serviço. 7. conjunto de consumidores que absorvem produtos e/ou serviços; o meio consumidor. 8. conjunto de transações econômicas entre vários países ou no interior de um país.	s. m. local onde moradores da cidade, filósofos de boteco e amantes do fígado acebolado se encontram para realizar compras e debater política, religião, futebol e outros temas essenciais como o ponto da carne.
‘ovo’		
Nm 1. célula resultante da fecundação de óvulo por espermatozoide. 2. célula reprodutora feminina das aves. 3. célula reprodutora feminina dos animais ovíparos. 4. (coloq.) testículos.	substantivo masculino. 1. em alguns animais, como aves, répteis e peixes, estrutura expelida pelo corpo da mãe, que consiste no óvulo fecundado com as reservas alimentares e os envoltórios protetores. 2. célula reprodutora feminina madura de animais e plantas; célula-ovo. 3. o ovo das aves, especialmente o das galinhas. Loc. ‘ser um ovo’ <ser de tamanho mínimo>.	s. m. Apesar de ser o alimento que compõe o feijão tropeiro, é um apalavra muito utilizada para dignar cidades onde todo mundo se conhece. BH é um ovo. Um ovo é BH. Só não se sabe quem nasceu primeiro.

Observa-se, na dinâmica da contraposição entre as definições registradas em Borba (2002), Houaiss (2009) e no DPLBH (2017), que, no caso das unidades lexicais ‘mercado’ e ‘ovo’, os recortes definitórios nos dois primeiros dicionários incidem sobre o campo discursivo do comércio e da biologia, respectivamente, caracterizando um saber já construído e sedimentado. Assim, no momento em que as definições são acessadas pelos falantes, eles as identificam como conhecimento *velho* (conhecimento social). No caso do DPLBH (2017), o recorte definitório recai sobre o campo discursivo da alimentação, com destaque para o espaço para saborear a gastronomia de Minas Gerais: ‘lugar onde se come fígado acebolado’ e ‘ingrediente do feijão tropeiro’, respectivamente, receitas típicas mineiras. Há, portanto, uma ruptura com os sentidos sedimentados e institucionalizados e o falante precisa desconstruí-los para (re)construir um conhecimento novo (conhecimento individual), acionado pelo contexto pragmático de construção (SILVEIRA, 1997).

Nesse caso específico da unidade lexical ‘ovo’, o conteúdo definitório privilegia o ingrediente do ‘feijão tropeiro’, cuja origem se inscreve na história da descoberta dos metais preciosos nas terras das Gerais. Destemidos homens paulistas embrenhavam-se em longas e difíceis viagens em busca do ouro de aluvião das margens do ribeirão Tripuí, naquela Vila que nasceu Rica e hoje é Ouro Preto e, para resistirem às empreitadas coloniais, necessitavam de alimentos práticos, nutritivos e substanciosos (SANTOS, 2001; SOUZA, 2004).

Nesse cenário paradoxal composto pelo excesso de ouro e pela escassez de comida, surge o feijão tropeiro <iguaria preparada pelos tropeiros> à base de feijão misturado com temperos variados, linguiça, farinha de mandioca e o ovo: ingrediente de destaque nessa receita que atravessou os séculos e imprimiu a sua marca na gastronomia de Minas Gerais. Em tempos modernos, com mais fartura e variedade de alimentos, a receita foi incrementada com couve picadinha, bacon, calabresa, torresmo e, em alguns casos, lombo de porco, que lhe acentuou ainda mais o sabor mineiro. Assim, em uma visita à Belo Horizonte ou às Cidades Históricas mineiras, o turista precisa experimentar saboreando a célebre receita, apelidada, mineiramente, por ‘tropeirão’.

As práticas textuais discursivas, nessa acepção, desmobilizam-mobilizam-remobilizam velhos sentidos que, cristalizados pela frequência de usos, são institucionalizados sob a condição de significados, ou seja, sentidos que têm a sua permansividade inscrita no tempo dos lugares de um dado espaço social. Consequentemente, é no espaço de diferentes temporalidades que as práticas discursivas de linguagem se qualificam como lugar onde convivem permanências e rupturas. Pelas permanências, os produtores e usuários de velhos enunciados

identificam seus significados; pelas rupturas, constroem outros/novos sentidos inscritos em outros/novos contextos socioculturais e históricos.

4 – Uma proposta de escrita léxico-cultural

Após a conclusão das análises acima apresentadas, os alunos foram orientados para elaborarem um levantamento – de forma empírica por meio de conversas com familiares, vizinhos e amigos – de unidades lexicais que asseguram traços identitários do falar do povo ituiutabano e, feito isso, deveriam pesquisar registros ou não dessas ocorrências nos dicionários, indicados neste estudo, para excluir as lexias já registradas sobre a forma de verbetes.

Dentre as unidades lexicais elencadas, dada a natureza sintetizada dessa investigação, destacam-se as não dicionarizadas e recorrentes nas práticas discursivas do falante ituiutabano: ‘ameixinha’, ‘coretar’ ‘embatumar’, ‘laranjinha’, ‘macuquento’, ‘propago’ e ‘supitar’. Como etapa final da atividade, os aprendentes elaboraram um conteúdo definicional para essas unidades lexicais de acordo com os sentidos inscritos nos seus usos cotidianos.

A título de exemplificação, descreve-se a seguir o resultado da construção do conteúdo definitório para a unidade lexical ‘propago’ que apresenta alta frequência de uso no falar cotidiano ituiutabano e, portanto, está inscrita na cultura desse povo. ‘Propago’ é, morfologicamente, a marca da conjugação do verbo ‘propagar’, na primeira pessoa do singular, do tempo presente e do modo indicativo. Logo, encontra-se registrado em Borba (2002) e Houaiss (2009) tão somente a entrada ‘propagar’.

‘propagar’	
Borba (2002)	Houaiss (2009)
V. 1. difundir; espalhar. 2. desenvolver-se; 3. alastra-se, generalizar-se. 4. espalhar-se; alastrar-se.	verbo. 1. multiplicar(-se) por meio da reprodução. 2. espalhar(-se) por um território. 3. espalhar-se por contágio; proliferar. 4. tornar(-se) amplamente conhecido; difundir, divulgar, propalar. 5. movimentar-se através de um meio; irradiar-se, difundir-se.

Assim, após consultar comparativamente os sentidos da unidade lexical ‘propagar’, nos dicionários, elaborou-se um consolidado das informações pesquisadas sobre o substantivo ‘propago’, reconhecido em Ituiutaba como um veículo, geralmente uma Brasília amarela ou azul, que circula em velocidade reduzida pelos bairros da cidade. O propago é equipado com alto-falante, por onde ecoa a voz marcante de um misterioso locutor e a função social de <<difundir, espalhar, tornar amplamente conhecido, anunciar>> um fato ordinário como, por exemplo, o falecimento de uma pessoa, a perda de um animal de estimação e a realização de

bazares da pechincha. Por ocasião da passagem desses veículos, as pessoas interrompem seus afazeres e posicionam de forma silenciosa para melhor escutarem as ‘notas de falecimento’, os ‘convites para sepultamento’ ou o nome do animal perdido, bem como o valor da recompensa e o endereço do dono, a data e o local da feira. Logo, esse automóvel configura-se como um meio de comunicação cuja função é prestar serviço de utilidade pública, na condição de ‘mídia volante’, e é denominado ‘propago’ pela população.

Da confluência entre os sentidos dicionarizados e aqueles das práticas discursivas cotidianas, inscritas no falar do povo ituiutabano, resultaram várias definições para a unidade lexical ‘propago, das quais se destaca a que está apresentada a seguir.



Propago. S.m. Meio de comunicação ambulante, nas versões Brasília azul ou amarela, que circula de forma lenta pelos bairros de Ituiutaba, noticiando alto e com voz marcante, principalmente, falecimentos e velórios sempre com a mesma abertura “Nota de falecimento e convite para sepultamento”.

Depreende-se desse resultado que os alunos aprendentes não somente compreenderam a função social e a estrutura composicional do verbete, mas também desenvolveram as habilidades de leitura-escrita desse gênero textual no processo de construção de conteúdo definicional. Para isso, trabalharam com a dinamicidade da língua em uso na sua dupla lateralidade léxico-gramatical, expandindo os conhecimentos lexicais pelos culturais e vice-versa. Por esse estudo, compreenderam que os falantes de uma dada língua, pelos processos sócios interacionais, constroem-desconstroem-reconstroem os sentidos lexicalmente instituídos no momento em que utilizam as lexias como palavras.

5 – Considerações finais

Ao fechar esse trabalho – de natureza teórico-metodológica, cujo propósito foi registrar os resultados positivos de uma atividade didático-pedagógica voltada para a ampliação da competência lexical de alunos do Ensino Médio da rede pública do Estado de Minas Gerais, sob uma perspectiva cultural – ressalta-se a indissociabilidade dos aspectos léxico-gramaticais como elementos linguísticos interdependentes no processo ensino-aprendizagem de uma língua. Ao se focar os estudos lexicais, por uma perspectiva textual-discursiva, verifica-se a sua estreita relação com a cultura, como se tratassem de faces de uma mesma moeda (TIMBANE, 2019, p.20). A cultura, conforme Morin (2002), é responsável pela manutenção da identidade humana, singular na pluralidade e plural na singularidade e, sendo assim, as análises das unidades lexicais do DPLBH (2017) desvelam, em língua, singularidades culturais belo-horizontinas, inscritas na pluralidade cultural brasileira. A elaboração do conteúdo definitório para a unidade lexical ‘propago’ desvelou singularidades culturais ituiutabana, inscritas na pluralidade cultural mineira, belo-horizontina e brasileira. Nesse sentido, justifica-se a interconexão entre língua-cultura pela perspectiva lexical, ressaltando, conforme Polguère (2018, p. 19), a importância de se compreender a natureza do léxico, para que os estudos lexicais possam servir como ferramenta para “ensinar a língua, descrevê-la nos dicionários, estudá-la de acordo com uma perspectiva teórica... e amá-la ainda mais, se possível”.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Análises de textos: fundamento e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n.10-11, p.31-41, 2008/2009.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

DICIONÁRIO Popular da Língua Belo-Horizontina: uma homenagem do aeroporto internacional de BH aos 120 anos da capital. Disponível em: <[file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario_popular_da_lingua_belo_horizontina%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario_popular_da_lingua_belo_horizontina%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

GENOUVRIER, E.; PEYTRARD, J. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Almedina, 1973.

GONÇALVES, A. J. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus Editora, 1976.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauri de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicografia e semântica lexical: noções fundamentais**. São Paulo: Contexto, 2018.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

SANTOS, Márcio. **Estradas reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 2001.

SILVEIRA, R. C. P. da. Ensino de língua portuguesa para hispano-americanos: leitura e léxico. In: JUDICE, Norimar. **Ensino de português para estrangeiro**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 66 – 88.

SOUZA, Laura de Melo. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do Século XVIII**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

TIMBANE, Alexandre António. Analisando o léxico nas variantes do português: contornos da cultura moçambicana na língua portuguesa. In: ALAMEIDA, F. A. S. D. P.; XAVIER, V. R. D. **Diálogos e perspectivas nos estudos do léxico e formação de professores**. Campinas: Mercado das Letras, 2017. p. 15-44.

TURAZZA, J. S. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.

_____. O dicionário e suas funções. In: BARBOSA (Org.) **Língua portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC, 2002. p. 153-171.

VILELA, Mario. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.